



TRILHA DOS SENTIDOS E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: APLICANDO A TEORIA E A PRÁTICA

Riceli Gomes Czekalski (ricelicgbio@gmail.com)
Cíntia de Oliveira Gonçalves (cynthiaoliveirauuffs@gmail.com)
Isabele Gamarra de Freiras (isabeledefreitass@gmail.com)
Claudia Ebling dos Santos (claudia.santosuffs@gmail.com)
Cleusa Inês Ziesmann (cleusa.ziesmann@uffs.edu.br)

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi desenvolvido na disciplina de Estágio Supervisionado II: Educação não formal, 6ª fase do curso Ciências Biológicas - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo - RS. O presente estágio visa possibilitar aos licenciandos a experiência de aprendizagem fora da conjuntura formal das instituições de ensino, com a finalidade de compreender a importância desses espaços e seu funcionamento. Neste viés, optou-se em realizar a nossa prática na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, do município de Cerro Largo/RS, onde foram realizadas atividades (oficinas, dinâmicas, palestras) interligadas a eixos das Ciências Biológicas, trabalhando com as turmas de Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Atendendo às demandas do município a instituição foi planejada em 1987 por representantes das entidades educacionais e assistenciais da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais do município de Cerro Largo. O objetivo dos representantes da comunidade escolar era de proporcionar educação de qualidade, saúde e assistência social a quem necessitasse.

O Estágio é a manifestação do aprendizado acadêmico fora da universidade, é o espaço onde o licenciando irá desenvolver seus conhecimentos adquiridos durante toda a graduação, e assim, vinculando a teoria e a prática no ensino de ciências. De acordo com Gohn (2006) a educação não formal abrange inúmeras dimensões, tais como a aprendizagem política do direito do indivíduo enquanto cidadão, a capacitação para o mercado de trabalho, desenvolvimento de habilidades e/ou potencialidades, gerando novas perspectivas para a solução de problemas coletivos, adquirindo conhecimentos que possibilite ao indivíduo fazer leitura do mundo.

Assim, cada sujeito que está em um processo de formação necessita construir a sua identidade, pois cada profissional se constitui a partir de sua prática, e dessa forma, de acordo com o pesquisador Nóvoa, o professor expressará por meio de suas atividades a sua identidade. A partir disso, a

Forma como cada um de nós constrói a sua identidade profissional define modos distintos de ser professor, marcados pela definição de ideais educativos próprios, pela adoção de métodos e práticas que colam melhor com a nossa maneira de ser, pela escolha de estilos pessoais de reflexão sobre a ação (NÓVOA, 1998, p. 28).

Ainda em consonância com o excerto acima, pretende-se relatar uma das atividades desenvolvidas durante o estágio, denominada 'Trilha dos Sentidos', a qual foi realizada com duas turmas de EJA da instituição APAE. A escolha pela prática foi contemplada pela sua efetividade, trazendo um novo olhar para a subjetividade, e



principalmente, pela particularidade dos sujeitos e, em poder estar acompanhando a aprendizagem de alunos com deficiência.

Para dar conta disso, o trabalho divide-se em duas partes: na primeira seção, discorreremos sobre o contexto e o detalhamento das atividades realizadas; em seguida, apresentamos a análise e discussão de resultados que nortearam nossa atividade dentro do estágio não formal na APAE de Cerro Largo, para posteriormente, trazer nossas considerações finais sobre o desenvolvimento dessas práticas no estágio.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

O Estágio Supervisionado II: Educação não formal, 6ª fase do curso Ciências Biológicas - Licenciatura, da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Cerro Largo - RS realizado na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - APAE, de mesmo município, foi desenvolvido com duas turmas de quinze alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

As atividades executadas foram elaboradas pensando na interação dos alunos, de forma harmônica e a construção do conhecimento de todos os integrantes, aproximando a práxis, teoria com a prática de forma lúdica. Para tanto, foi apresentada aos alunos algumas temáticas, as quais fazem parte do cotidiano dos estudantes, tais como: alimentação saudável, higiene pessoal, cuidados com o verão, sensibilização ambiental.

O presente trabalho é de natureza qualitativa, que de acordo com Lüdke e André (2013), caracteriza-se por analisar os dados empíricos, trabalhando com foco no material decorrente das atividades realizadas no percurso do estágio. Escolhemos para apresentar, por unanimidade, a Trilha dos Sentidos, por ter sido uma das atividades que mais teve a participação efetiva dos estudantes e que lhes proporcionaram momentos de descontração e afetividade entre si. Esta prática foi planejada para abordar a sensibilização ambiental e ao mesmo tempo, promover novos conhecimentos sobre os órgãos dos sentidos.

A prática inicia com uma breve contextualização no quadro (Figura 01) sobre o tema, questionando aos alunos sobre suas funcionalidades com alguns exemplos para que os mesmos compreendessem a totalidade do tema, dialogando com mesmos, após as suas respostas. Depois desse momento, os alunos foram encaminhados a uma sala de espera para a condução da atividade a 'Trilha dos sentidos'. Após a organização da sala e da mesa com os materiais, os alunos foram divididos em duplas e com olhos vendados contando com o auxílio das acadêmicas, passaram por cada estação disposta sobre a mesa tentando adivinhar no que estava tocando, cheirando ou comendo (Figura 03).

Os materiais utilizados para a realização da atividade foram canetinhas, urso de pelúcia, terra, folhas de árvores, alimentos como laranja, bolacha, chás e temperos, dispostos separadamente na mesa (Figura 02). Cada um destes materiais foi escolhido pensando em estimular os órgãos (audição, paladar, gustação e tato) e por isso, foram separados em estações. Cada estação continha todos os materiais que estimulassem o seu sentido remanescente. O tato possui o toque e a análise dos objetos com as mãos. Já para a estação do paladar estavam recipientes contendo alimentos. Para a estação do olfato, dispomos de temperos conhecidos que pudessem fazer parte do cotidiano deles e para a audição, colocamos um som suave de chuva. O único órgão que não faria parte das nossas atividades foi a visão, por isso todos os alunos entravam vendados para estimular seus outros órgãos.



Em seguida, removemos a venda dos olhos dos alunos e mostramos os materiais, lembrando as estações que mais causaram dúvidas, e para alguns, mais dificuldades ou desconforto durante o toque ou no paladar. Depois que todos participaram da atividade retomamos a discussão em sala de aula, onde buscamos conversar sobre as possíveis dificuldades encontradas, se em algum momento houve estranheza ou medo, ou ainda, outros sentimentos em relação a dinâmica realizada.

Todos os alunos participaram e interagiram efetivamente das atividades. Cada um tentou perceber o material de uma forma diferente, considerando que alguns deles possuem dificuldades em relação a motricidade, atenção e locomoção. Os alunos mais comunicativos e que possuíam uma melhor oralidade, foram os que nos trouxeram um melhor feedback das práticas, enfatizando que as mesmas, foram divertidas e por terem proporcionado aos mesmos, novas formas de perceber cada órgão do sentido.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A educação inclusiva corrobora com a reestruturação dos sistemas de ensino, onde seja possível respeitar e atender as necessidades e especificidades educacionais de cada aluno com deficiência intelectual e múltipla. Para tanto, as escolas e instituições não governamentais promovem alguns serviços, recursos e estratégias que auxiliam na aprendizagem destes sujeitos.

O documento da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) refere-se a Educação Especial como sendo uma modalidade de ensino, portanto não se difere do ensino regular, se caracteriza pelo Atendimento Educacional Especializado. No art. 27 capítulo IV do Estatuto da pessoa com deficiência, a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, nº 13.146/15, fundamenta que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistemas educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo da vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

A partir disso, a atividade proposta durante o estágio tinha por princípio instigar a autonomia dos alunos, para que os mesmos pudessem viver com mais qualidade e desafiar-se a realizar suas atividades cotidianas com maior consciência e responsabilidade. Freire (2000) considera que os educadores devem estar atentos à essa passagem para a autonomia. Em vista disso, a prática estava pautada na aprendizagem de acordo com a realidade de cada aluno, incentivando-os sempre que possível interagir e reconstruir seus conhecimentos e fazendo deles significativos de uma maneira muito lúdica.

Para Vergnano (2006), as novas correntes educacionais estão debruçadas para a interação de saberes, promovidas pela interdisciplinaridade e que proporcionam ao discente senso crítico, autonomia e curiosidade. Por isso, optou-se por uma atividade que contemplasse os conhecimentos dos alunos, que os beneficiasse em suas vidas e que não fuja da realidade que estão inseridos, sempre impulsionando sua curiosidade e a confiança nas novas descobertas.

A trilha dos sentidos geralmente é utilizada no contexto da educação ambiental e por isso, a atividade tenta contemplar a relação do ser humano com o meio ambiente por meio da disponibilidade de materiais naturais como folhas, terra, temperos,



legumes e frutos para que os alunos sentissem, cheirassem e comessem. Ao mesmo tempo, proporcionando a sensibilização em relação a questões ambientais no que tange a compreensão da importância de usar seus sentidos, trabalhando a percepção com a natureza.

Santos, Skinner e Queiroz (2011) enfatizam que as trilhas sensitivas têm esse papel integrador entre o homem e a natureza. Para tanto, realizar tais trilhas ecológicas além de possibilitar aprendizagem, ressignifica momentos de interação, responsabilidade e preservação do meio ambiente.

De acordo com Frigo (2013), utilizar sensações de prazer e incômodo aos sentidos sensoriais (tato, audição, olfato e visão) como foi a proposta da atividade relatada, no viés de aprendizagem, é considerada uma técnica eficaz de ensino e de aprendizagem. Em alguns casos foi notório a repulsa dos alunos ao tocar em um material que eles não tinham certeza do que era e isso, muitas vezes os incomodava ou os deixava mais curiosos.

A maioria dos alunos demonstraram seu desconforto no início da prática por não se sentirem seguros quando não puderam utilizar a visão, e por isso, mudaram suas percepções sobre cada sentido. Mesmo estimulando determinados órgãos dos sentidos, poucos alunos conseguiram acertar o material, cheiro ou alimento.

Acredita-se que isso possa ter acontecido com os alunos, pois os mesmos não são muitas vezes, estimulados a usar os seus sentidos remanescentes e também, por se tratar de uma atividade realizada com os olhos vendados, gerando um certo desconforto e desconfiança por parte dos alunos em relação aos objetos apresentados. A trilha sensitiva viabiliza o estímulo de outros sentidos, que às vezes parecem estar debilitados devido a algumas dificuldades que por vezes as pessoas com deficiências têm com atividades que, para muitos alunos, parecem normais (KAMMER et al, 2013).

Ademais, as atividades realizadas durante o estágio possibilitaram novas aprendizagens, tanto dos alunos com as práticas e atividades interativas e lúdicas, despertando novos saberes, recordando conhecimentos básicos, bem como, nos fortaleceu em relação a empatia pela profissão e reconhecimento da importância da efetivação do processo inclusivo e ainda, na conscientização da necessidade de planejamento diferenciado para alunos com deficiências ou dificuldades de aprendizagem. Por isso, considera-se satisfatória a participação dos alunos e o interesse dos mesmos em relação a todos os encontros durante a realização das atividades em nosso estágio não formal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato demonstra a importância do trabalho realizado na interface da inclusão, permitindo ao licenciando uma nova experiência formativa promovida pela relação dos mesmos com alunos com deficiência intelectual e múltipla, e ainda, garantindo a interação social de pessoas que muitas vezes são excluídas da sociedade. O princípio fundamental dessa iniciativa baseia-se no artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos, que diz que “todo ser humano tem direito à instrução”. A inclusão escolar, além de ir ao encontro da garantia desse direito, também tem um papel importante no desenvolvimento socioemocional e psicológico das crianças com deficiências ou dificuldades de aprendizagem.

Acredita-se que desenvolvimento da autonomia é fundamental para a construção da autoestima do indivíduo adulto, ou seja, do aluno da EJA. Com a



autonomia e a autoestima fortalecida, esse jovem com deficiência sente-se motivado ainda mais, a continuar estudando e se desenvolvendo nas diversas áreas da vida.

A atividade realizada nesse espaço de educação especial conseguiu incluir aprendizagens significativas para os alunos, sobre a educação ambiental, sobre novas percepções e exploração dos órgãos dos sentidos, estimulando cada um deles e ainda, exercitando a confiança e aumentando a interação entre os mesmos.

Ademais, permitiu um novo encantamento pela profissão docente proporcionada pela empatia. A experiência foi extremamente gratificante, reconfigurando conceitos sobre as APAE's como um espaço de inclusão, propiciando a reflexão e novas perspectivas sobre a educação inclusiva nas escolas de ensino regular.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Inclusão: Revista da Educação Especial, Secretaria da Educação Especial, Brasília, v. 4, n. 1, p. 7-17, jan. /jun. 2008.

BRASIL. Estatuto da pessoa com deficiência, lei brasileira de inclusão. Lei nº 13.146. 2016. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/busca?q=Art.+27+da+Lei+13146%2F15> Acesso em: 25 jan. 2020.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris. 10 dez.1948. Disponível em: <<http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRIGO, J.; PRADO, G. P. do; PASSOS, M. G. dos; LOPES, F. de L. **Aprendizagem significativa**: uso da trilha sensitiva no processo de ensino. Revista UNINGÁ Review, v. 15, n. 1, 2013.

KAMMER, A.; DIERINGS, A. I.; PFLUCK, L. D.; **A Trilha Sensitiva**: um trabalho de campo diferenciado no ensino da geografia. VIII Semana Acadêmica e VIII Expedição Geográfica: Ensino, práticas e formação em Geografia. 04-06 de setembro de 2013. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/eventos/semanageografia/anais2013/trabalhos/resumo_expandido/geografia/33.pdf. Acesso em: 06 março, 2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ; M, E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. Ed. Rio de Janeiro. E.P.U. 2013.

SANTOS, A. L. B.; SKINNER, L. F.; QUEIROZ, A. C. B. de.; Trilhas interpretativas como ferramentas para a valorização do patrimônio natural e cultural do município de Arraial do Cabo (RJ). Anais do VIII Congresso Nacional de Ecoturismo e do IV Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.4, n.4, 2011, p. 582.



NÓVOA, A. **Relação escola-sociedade**: novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, R. V., RIBEIRO, R., BARBOSA, R. L. L. e GEBRAN, R. A. (Orgs.) Formação de professores. São Paulo: Editora da Unesp, p. 19-40, 1998.

VERGNANO, S.S. **O meio ambiente a partir da Arte de Krajcberg**: Perspectivas educacionais em Ciência e Arte. 2006 (Dissertação de Mestrado) do Programa de Pós-graduação em Ensino de Biociências e Saúde Instituto Oswaldo Cruz-Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.